



Billy e Christine
[*Mustn't Forget High Noon*
e *O Ananias, Azarias and Misedal*, 1989]

de Jennifer Johnston

Tradução | **Teresa Casal**

Direcção | **João Cardoso e Rosa Quiroga**
Cenografia | **Sissa Afonso**
Figurinos | **Bernardo Monteiro**
Vídeo | **Alexandre Azinheira**
Desenho de luz | **Nuno Meira**
Sonoplastia | **Miguel Ângelo**

Interpretação | **João Cardoso**
Rosa Quiroga

Construção do cenário | **Américo Castanheira**
Fotografia de cena | **Ana Pereira**
Imagem gráfica (cartaz e programa) | **Fuselog**
Produção executiva | **Catarina Santos**

Porto, 11 a 21 de Março de 2004
Rivoli Teatro Municipal P.A

Jennifer Johnston nasceu em Dublin em 1930 e reside actualmente em Derry, Irlanda do Norte. Filha do dramaturgo Denis Johnston e da actriz Shelagh Richards, teatro e vida cruzavam-se a cada passo no "pequeno mundo" da sua infância e adolescência. Não obstante ter ganho notoriedade sobretudo como romancista, a confessada apetência de Johnston pelo teatro tem-se traduzido na escrita de várias peças: *Indian Summer*, *Triptych*, *How Many Miles to Babylon*, *The Nightingale and Not the Lark*, *The Porch*, *The Invisible Man*, *O Ananias, Azarias and Misedal*, *Mustn't Forget High Noon*, *Twinkletoes*, *The Desert Lullaby* e *Music and Moonlight*. *O Ananias, Azarias and Misedal* [Christine] estreou no Peacock Theatre, Dublin, em 1989; no mesmo ano foi produzida pela B.B.C. Radio Ulster, tendo sido premiada com o Giles Cooper Award. *Mustn't Forget High Noon* [Billy] estreou na B.B.C. Radio Ulster em 1989. Entre as peças publicadas, contam-se *The Desert Lullaby*, Lagan Press, Belfast, 1996, e *Selected Short Plays*, New Island, Dublin, 2003, que inclui os monólogos agora representados e anteriormente publicados em *Three Monologues* (1995). Algumas destas peças foram traduzidas e apresentadas em França e Itália. Jennifer Johnston publicou, até à data, treze romances: *The Captains and the Kings* (distinguido com o Evening Standard Award e Yorkshire Post Award), *The Gates*, *How Many Miles to Babylon* (Irish Academy of Arts Award e Yorkshire Post Award), *Shadows on Our Skin* (nomeado para o Booker Prize; tradução italiana: Prémio Acerbi), *The Old Jest* (Prémio Whitbread), *The Christmas Tree*, *The Railway Station Man*, *Fool's Sanctuary*, *The Invisible Worm* (nomeado para Daily Mail Book of the Year), *The Illusionist*, *Two Moons*, *The Gingerbread Woman* e *This Is Not a Novel*. Vários dos seus romances originaram adaptações para cinema e televisão: *How Many Miles to Babylon*, *Shadows on Our Skin*, *The Old Jest*, *The Railway Station Man* e *The Christmas Tree*. A sua ficção encontra-se traduzida em francês, alemão, russo, polaco, italiano, espanhol, húngaro e romeno. Em reconhecimento pela sua obra, a autora foi distinguida com Doutoramentos *Honoris Causa* por três universidades: New University of Ulster, Queens University Belfast e Trinity College Dublin.

Em 1985, no país de James Joyce, o celebrado autor de *Retrato do Artista Quando Jovem*, a Rádio estatal conduziu uma série de entrevistas a escritoras irlandesas com vista a traçar um *Retrato do Artista Quando Menina*. Sobre a infância e a relação entre pais e filhos disse Jennifer Johnston: *Eu adoraria que a infância quisesse dizer crescer livremente mas, na realidade, isso nunca acontece porque todas as crianças têm recantos escuros que guardam dentro de si... Pais e filhos são incapazes de ver a vida na perspectiva uns dos outros e por isso os «recantos escuros» tornam-se por vezes cavernas de mal-entendidos. Só quando crescemos é que podemos tentar perceber esses mal-entendidos e ver os nossos pais tal como são.* Dir-se-ia que toda a obra de Johnston é sobre estes e outros mal-entendidos, sobre tentar arrancá-los à escuridão das cavernas de onde, clandestinamente, nos comandam os gestos, e trazê-los para o palco da palavra e da consciência. Por isso a sua obra não convida a uma leitura regida por parâmetros estritamente realistas, já que os microcosmos nela representados são um lugar de interpeleção de ideologias e linguagens vigentes. Por isso também as suas personagens são captadas em momentos de perplexidade e vulnerabilidade nas suas vidas, em momentos em que a solidez dos seus pressupostos é estilhaçada pela violência e imprevisibilidade do real (e não escapará toda a violência ao pré-visível?). Também por isso as suas obras tendem a corresponder a momentos de abertura que se furtam a fechamentos: a tentativa de olhar de frente modos herdados de ver e de dizer acontece a partir de uma linguagem hesitante que se abre ao diálogo com o próprio e com o outro na exacta medida em que se afasta de vocabulários e ideologias impositivas e totalitárias nas suas premissas.

Quais são pois os mal-entendidos que figuram na obra de Johnston, designadamente em *Billy e Christine*? São os equívocos que passam de pais para filhos, que se aprendem em casa, na rua, no cinema e fazem de tal forma parte do tecido social que se tornam os fios invisíveis que o sustentam. São o saber adquirido sobre quem somos e quem os outros são, surdo a qualquer confronto com o modo como eles se vêem e nos vêem.

São o saber inquestionado de que os *cowboys* são os bons da fita porque ganham e os índios são os maus porque perdem; de que os presbiterianos da Irlanda do Norte, que marcham sob os estandartes da Ordem de Guilherme de Orange, são os *cowboys* desta história, enquanto os papistas fiéis ao longínquo Vaticano são os índios, ou vice-versa; de que aos olhos do cidadão da República, todo o irlandês do Norte transporta consigo um mal congénito e contagioso que o impede de encontrar a paz. Os equívocos prendem-se com um ideal de nação linguística, étnica e religiosamente homogénea que conduz a práticas sectárias e discriminatórias e obsta ao reconhecimento do outro; com as noções de heroísmo másculo e sacrificial que subjazem à idealização da guerra; com a convicção de que a fidelidade ao passado se traduz na repetição rigorosa de gestos e fórmulas imutáveis; de que, enfim, uma mulher deve proteger maternalmente a imagem do seu homem e um homem deve perdoar cavalheirescamente as supostas falhas da sua mulher. Destes equívocos nascem os desacerdos entre a vida vivida para fora e a vida vivida por dentro e dos desacerdos nascem os segredos. O casamento de Billy e Christine, oriundos de tradições protestantes diferentes com conotações sociais distintas, é, em si, um gesto de confiança e risco numa sociedade dominada pelo medo do outro. Talvez a infertilidade deste casamento misto seja então sintoma de uma História de confrontos em lugar de encontros. Talvez o monólogo seja a via possível para o encontro de cada um com a sua memória e a sua verdade. Talvez a busca da receptividade cúmplice de um ouvinte seja o princípio do encontro com o outro – eis-nos pois chamados à cena.

Teresa Casal

Riso, tristeza e cumplicidade

João Cardoso e Rosa Quiroga

Billy e Christine assinala a terceira etapa de um ciclo de monólogos (até agora exclusivamente irlandeses) inaugurado, em Abril de 2003, com *Rum e Vodka*, de Conor McPherson, e continuado, em Julho desse mesmo ano, com *Uma noite em Novembro*, de Marie Jones (espectáculo que será reposto em Maio de 2004, a convite do Rivoli Teatro Municipal).

Billy e Christine correspondem a dois textos autónomos, mas ficcionalmente ligados, de Jennifer Johnston, talvez a mais discretamente prestigiada romancista (e dramaturga) irlandesa contemporânea: *Mustn't Forget High Noon*, com uma referência explícita ao filme com Grace Kelly que habita o imaginário de Billy, *O comboio apitou três vezes*, e *O Ananias, Azarias and Miseal*, evocação não menos explícita dos nomes religiosos que povoam o monólogo de Christine. A reunião destas duas peças de memória(s), ambas de 1989, constitui uma espécie de estreia mundial.

Estes dois textos reflectem os cruzamentos possíveis entre universos privados, visões individuais, afectos e formas particulares de ver o mundo com uma situação política, social e religiosa tão convulsiva como foi (é, ainda) a da Irlanda do Norte. Num momento em que uma difusa solidão (desalento?) atravessa

os nossos próprios esforços colectivos e o exercício da política nos parece cada vez mais um mediatizado conjunto de gestos retóricos, esvaziado de qualquer esforço de reflexão partilhada, estas duas personagens, Billy e Christine, emprestam-nos uma voz e falam-nos dos seus mais íntimos anseios, esperanças, desencantos e perplexidades só porque, subitamente, as suas vidas encaixaram numa cartografia com novas coordenadas.

Ao contrário dos "nossos" dois monólogos anteriores, estas duas ficções dramáticas não se oferecem tão claramente como exercícios narrativos, mostrando-se antes apostadas na exploração dos percursos hesitantes e/ou desorganizados da memória, principal mecanismo responsável pela criação de uma peculiar atmosfera de sentimentos. Dar-lhe corpo, eis o nosso trabalho. Ao espectador caberá, mais uma vez, a missão de compor o *puzzle*, organizar a história, focar ou desfocar as suas verdades e os seus segredos. (Lembram-se do nosso *Curandeiro*, em 2001?)

Aos nossos antigos e novos colaboradores (à Sissa, ao Bernardo, ao Nuno, à Lígia, à Judite, ao Luís, ao Alexandre, ao Miguel e à Ana) cabe, mais uma vez, o mérito por tudo aquilo de que nos revelarmos capazes, já que pelas nossas – aqui, duplicadas – "limitações" responderemos unicamente nós. Ao Paulo, mais uma vez, obrigado pela sugestão. E um agradecimento especial à Teresa pela inteligência informada e sensível que emprestou à "reconfiguração" destes dois textos.

Agradecimentos

Ana Margarida Vaz
António Durães
Cristina Costa
João Pedro Vaz
Lígia Roque
Manuela Ferreira
Paulo Cardoso
Paulo Eduardo Carvalho
Rute Pimenta
Susana Menezes